



Espaços-tempos com Lygia Pape

Fabiana Éboli Santos

O Brasil é feito de desastres permanentes. Quando alguma coisa cresce, aquilo passa a incomodar e é derrubado. Somos subdesenvolvidos por omissão. Com essa cultura tão rica e fantástica (...) estamos sempre claudicando, por opção.

Lygia Pape. *Palavra do artista*, 1998

Antes de ser a grande artista reconhecida pelo circuito internacional de arte, Lygia Pape foi uma pessoa do circuito artístico-cultural do Rio. Como trabalhava em várias áreas e circulava bastante, todo mundo a conhecia. Minha relação mais próxima com ela começou quando eu fazia o mestrado em Ciência da Arte na UFF, em 1997. Sabia que Lygia dava aulas no Mestrado em Linguagens Visuais da EBA e cursei duas de suas disciplinas. A experiência foi ótima, então decidi fazer novo concurso para o mestrado da UFRJ. Fiz, passei, tive a oportunidade de fazer mais duas disciplinas com ela e acabamos nos tornando amigas. A relação acadêmica terminou em 2001, com sua participação na minha banca de dissertação de mestrado, junto com Paulo Venâncio (orientador) e Luiz Alberto Oliveira – físico e atual curador do Museu do Amanhã. Uma banca pouco convencional, a EBA ainda não aceitava muito bem a transdisciplinaridade, mas Carlos Zilio, na época diretor, deu o aval. A relação de afeto, amizade e diálogo com Lygia continuou até sua morte, em 2004.

O cotidiano das aulas era riquíssimo, Lygia Pape carregava vivências e experiências artísticas que transmutou em poesia e conhecimento e ofereceu a todos que se abriram para receber. Afirmava que, para ela, ARTE era “forma de conhecimento do mundo”. Ao lado da prática radical, que exercia no espaço ampliado da cidade, ela também defendia que os artistas estudassem para ter a visão histórica da arte, e achava que o papel da teoria e da crítica seria o de criar bases, referências, para a estruturação dessa história. Na relação com o artista, o crítico - ou curador - jamais deveria “interferir no ato de criação”.

A valorização da liberdade do artista, não se render à “lei da crítica”, não obedecer às exigências de produtividade dos marchands, ser fiel à sua pesquisa, ao seu

próprio trabalho e à direção que ele apontava... era algo que Lygia Pape “ensinava” aos jovens artistas. Na verdade ela sempre dizia que arte não se ensina. O que aprendíamos era “através” dela, ao aceitar o diálogo e viajar nas suas propostas de exercícios, que geravam reflexão e *insights*. E o que seu método anticonvencional nos ensinava era a encontrar nossa própria linguagem, reconhecer o fio orgânico de sentido que partia de nós mesmos e ligava diferentes trabalhos, independente de materiais e/ou meios utilizados...

Ela era crítica, gostava de revelar coisas, denunciar situações falsas, desmontar aparências e situações vazias, meramente formais... E era justiceira, corajosa, não admitia e interferia em situações que considerava injustas. Eu admirava seu jeito irreverente e iconoclasta. Como eu vinha de outra formação na graduação, sociologia e política, logo me identifiquei com sua não submissão a hierarquias, poderes e ordens estabelecidas. E ela me chamava de “aluna insubordinada”. A convivência era divertida e alegre.

Criava espaços imantados com sua presença! Surgia com propostas de exercícios, de conversas que viravam exercícios, e você precisava mergulhar se quisesse seguir com ela. Era maravilhoso. Mágico. Se a pessoa resistia, criticava, torcia o nariz, não aceitava a sugestão – e a sedução – dela, não aproveitava, não compreendia... E havia quem resistisse à tentação! Este perdia a oportunidade de aprender e experimentar uma abertura de liberdade em sua prática artística.

O fluir de Heráclito como método?...

A abordagem da Lygia era de deixar espaço para a LIBERDADE, o máximo possível... e para “aprender a errar” – no sentido de não reprimir, se permitir errar e aprender com a opção que levou ao erro, entender o erro; tatear em busca de uma “solução” para o trabalho – o tatear, a busca, o processo... a solução nunca definitiva, a não ser no momento que o trabalho te dissesse: chegou. Ela dizia “tem que saber a hora de parar”, se insistir estraga, transforma em outra coisa, em pastiche (ela usava a palavra no sentido “negativo”, em pastiche do próprio trabalho que vinha sendo elaborado, construído). E também dizia quase o oposto do anterior: desapegar do trabalho... quando não vem a resposta do próprio trabalho para, interrompe, desapega, deixa assim mesmo, que a sensação de inacabado passa e a solução surge, uma hora surge... ou não! Quer dizer, ficava no ar! Deixa que o mundo, o outro, o de fora, dará a resposta, dará o *feedback*... um

dia! Deixa a contradição existir! Era genial isso, não amarrar o processo, não amarrar numa verdade...

Esse “método” de trazer questões, problemas, e nos ocupar na busca de soluções, era uma forma de nos colocar diante do desafio de criar e ir dominando ou exercendo controle sobre os meios e processos do nosso próprio trabalho... um exercício de autonomia e de seguir em movimento, tanto na arte como na vida. Também estimulava a “impregnação” entre os artistas, a troca, a contaminação de ideias... desconstruindo o apego à autoria, para logo em seguida valorizar um trabalho bem realizado, com um enfático “muito bom!”

Dizia que era importante perceber a sutileza da aproximação com a arte... ao contrário de garantir que a solução encontrada foi a certa, ela falava para observar a obra, o processo, “ouvir” o que o trabalho teria a dizer. Uma ideia de que devemos ter passos leves, ir de mansinho no processo de pesquisa e descoberta, não ficarmos aflitos para resolver logo, para concluir, finalizar, dar um resultado, apresentar um produto...

Criticava a instrumentalização da arte, dizia que o excesso de manipulação acaba com a poesia...Lygia evitava rotular, tinha horror aos clichês, porque via uma tendência dos artistas jovens, estudantes, quererem fazer uso do clichê como “fórmula”... Os clichês instrumentalizados como facilitadores pelo artista, usados como manual. Ela percebia e antecipava isso, criticava: “dar um rótulo atrapalha a criação, é bom que o artista não saiba direito o que está fazendo, isso faz parte”... e valorizava o erro. Pedia que evitássemos dar títulos apressadamente aos trabalhos também, ou que simplesmente não déssemos títulos, que observássemos o trabalho ir se desenvolvendo, sem nomear...

Oficinas mágicas

Arte e vida se misturavam, a convivência com ela, em grupo ou não, significava um estado de poesia permanente, de experimentação contínua, tudo podia acontecer em qualquer lugar! Sua ênfase era nas ideias-ignição, que detonavam processos maiores.

Lembro uma vez que levei um susto. Estávamos na rua, se bem me lembro no bairro da Glória, e Lygia começou a puxar conversa com um grupo de garotos de rua, que pediam dinheiro. Ela abriu a carteira cheia de dinheiro na frente deles, criando uma tensão... pressenti que um ia pegar e sair correndo... e me coloquei no meio, com medo que ela sofresse uma agressão. Ela ficou furiosa comigo, me deu uma bronca, disse que não

precisava de “defensora” e ficou umas horas sem falar comigo... acho que naquele momento, com uma atitude condicionada (será que ele ia mesmo pegar a carteira?), interrompi algum processo que ela estava querendo iniciar.

Lygia Pape também era crítica à indústria cultural paralisante, mantinha a potência experimental, a permanência de uma vontade de pesquisa, de conhecimento, de autoconhecimento > novamente a liberdade...Certa vez comentou um texto do Hall Foster, disse uma coisa interessante, tipo “esse texto é para críticos, não para artistas lerem, para artistas ele é paralisante, mata a arte”. Ela não acreditava nem na coisa messiânica nem na catastrófica em relação à arte... e à vida, claro.

Não tinha “salvação” nenhuma, só tinha o dia-a-dia, o viver, o experimentar, as relações... Todos podiam participar das suas oficinas, até quem não estivesse matriculado no mestrado, ela autorizava participar: pessoas que ela considerava, que gostava do trabalho e como pessoa. Isso dava uma dinâmica interessante porque diluía a posição do “aluno” em relação ao outro, eram pessoas que estavam ali – não somente “artistas em formação”, com aquela carga de competitividade que existe na Universidade... e não tinha gênio – mas ela diferenciava muito bem os artistas que ela considerava bons, que ela gostava do trabalho, e de vez em quando falava, com espontaneidade, “fulano é um gênio”...

Nessas oficinas afinávamos nossa capacidade de ler as imagens, de construí-las, de ter prazer no exercício da arte (uso este termo para diferenciar de “ensino da arte”, que não se adequa à abordagem de Lygia Pape), sem fazer concessão a codificações apressadas e instrumentais.

Exercícios

Os exercícios deflagradores, um laboratório criativo... arte-vida, essa dimensão tão cara aos neoconcretos. Pesquisa interna do artista traduzida em uma expressão externa > trabalho, objeto, ação, interferência, performance ... um ato qualquer.

Sem roteiros, nem de aula...

O que ela dava eram proposições.

Tipo enigmas...

Um exercício que eu adorava era a “leitura visual” de texto e poesia. Interpretar visualmente o sentido ou o não-sentido da palavra e da articulação de palavras em um texto...

Era uma disciplina chamada “linguagens centradas no corpo”. Ela deu uma bibliografia e podíamos escolher alguns livros e textos (não precisava ler todos) e realizar exercícios fazendo a relação das leituras que escolhíamos com os exercícios que ela propunha.

Teve essa do Francis Picabia (do livro *Pensamentos sem Linguagem*). O livro, uma raridade, ela trouxe e nós fizemos a cópia do poema que escolhemos. Eu escolhi (ou era este para todos, não lembro exatamente):

o eco cristão
é uma escavação
na neve
até à trave
gigante coberta de breu
pelo mistério
vergado

Primeiro, tentar decifrar do que ele está falando... aí podem sair as mais diferentes interpretações e leituras. Eu fazia anotações com as associações visuais (e semânticas) que surgiam da leitura e releitura do poema... várias vezes, do início para o fim, do fim pro início. E no processo você percebe a sinergia dos sentidos (humanos) – ótica, intelectual, gestual, auditiva... – trabalhando no sentido de decifrar, decodificar aquele conjunto de palavras...Um exercício maravilhoso que ABRE a compreensão da pessoa para além do que dizem as palavras, até porque o que dizem as palavras, neste caso, é algo ABERTO... as associações inconscientes do surrealismo, do dadaísmo, presentes aí, nesse exercício... mas cujo resultado visual ainda é enigma, o enigma permanece.

Outro exercício interessante foi sobre os brancos, no mesmo registro das “leituras da arte através de todos os sentidos”. A cor branca, que costumamos reconhecer como o “branco”, não é uma cor só, são muitas, é uma questão cultural, não técnica, não somente visual, e nem a nomenclatura é uniforme. No Alaska, por exemplo, o branco tem vários nomes, são mais de 100 brancos, dependendo dos suportes, da direção da luz incidente, do horário... então, teve a discussão da questão das texturas... a percepção pelo tato, e pelo tato do olhar, associada à visão ótica, ao cheiro... Alguns brancos, dependendo do suporte, refletem mais a luz do que outros, tem alguns brancos presentes em pelos de animais, penas, plumas, que tem nomes especiais, enfim, detalhes e sutilezas que vão sensibilizando cada vez mais, no sentido da percepção da arte e da vida...

Essa abertura à descoberta, à diferença era maravilhosa. Ela trazia essas questões e a oficina mágica começava...

Comentários transversais – a *doxa* ou “eu acho”...

Embora sua carreira artística tenha início lá pelos anos 50, Lygia Pape tinha uma cabeça libertária mais próxima dos anos 60-70. Penso que um fator que influenciou a formação dessa cabeça foi a vivência em um ambiente de contracultura, “marginal”, no qual, nesta época, todos se encontravam: músicos, atores, artistas plásticos, cineastas, intelectuais e todo tipo de gente que, se não era artista, era ligada em arte e cultura e, em certa medida, estava na resistência. Nesse ambiente, também teve a convivência com Hélio Oiticica que, além do afeto mútuo, foi uma troca artística permanente. Era um ambiente criativo, apesar da ditadura militar (ou talvez por isso mesmo), havia sede por cultura, curiosidade pelo novo, um fascínio por conviver com o “outro”, havia uma permeabilidade à vida, à mudança, uma abertura à diferença... E eu percebia isso tudo nela, concentrado, na sua prática artística e na sua vida.

Ronaldo Brito diz que o neoconcretismo foi libertário em relação às matrizes culturais europeias e norte-americanas. Nos anos 60-70, vários artistas prestaram mais atenção à realidade brasileira, sob vários aspectos, e voltaram-se para manifestações e ambientes populares, observando, frequentando e pesquisando nas ruas, em favelas, morros, escolas de samba, terreiros, etc. Esse tipo de vivência artística marcou a obra e a vida da Lygia Pape, resultando nos trabalhos com participação do outro. Nesse período ela começa a observar os “espaços imantados” nas ruas do Rio, cria *Roda dos Prazeres* e *Divisor*, entre outros trabalhos, inclusive a *Caixa das Baratas*, uma das primeiras obras

aqui (anterior às trouxas do Barrio) a se utilizar de material orgânico, distanciando-se da geometria e dos espaços limpos do concretismo e do neoconcretismo inicial. Ela fala disso no livro de entrevista a Lucia Carneiro e Ileana Pradilla, *Palavra de Artista*, editado pelo CAHO.

Sem dúvida Lygia Pape exercia um encanto, uma sedução, com sua inteligência brilhante. Os olhos sempre vivos, inquietos, pareciam ver tudo, especialmente o que não estava visível... parecia sempre ver algo além, adiante. Sua beleza e magnetismo eram poderosos! Eu me deixei envolver e levar por suas propostas de viagens, pelas ideias e trançados pela cidade, e aprendi muito com ela... aliás, em suas próprias palavras, “através” dela. Fui seduzida! Aliás, éramos todos seduzidos... e, agora, os garotos que falem!

Fabiana Éboli Santos é artista, pesquisadora, exercendo múltiplas atividades em ARTE. Depoimento concedido para a Revista Concinnitas em Julho de 2016.

Imagem de Capa Lygia Pape e alunos: Ronald Duarte, Alexandre Vogler e Fabiana Éboli Santos no Galpão do PPGAV- EBA/UFRJ, 1999. Fotografia de Arthur Leandro